

Tese sobre Estrutura Sindical: burocratização – organização de base – liberdade de
organização e democratização

Apresentada por: Olga da Conceição F. dos Santos
Reinaldo Cervatti Dutra
Luiz Carlos de Freitas Melo

“Estas associações devem não só lutar contra os ataques do capital, como também devem trabalhar conscientemente como locais de organização da classe operária em busca do grande objetivo que é a sua emancipação radical. **Devem ajudar qualquer movimento social ou político que tenha esta direção**” (*grifo nosso*). Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores - 1866

Objetivando levar os delegados presentes no VIII Congresso dos Trabalhadores Técnicos Administrativos da Unesp – SINTUNESP à reflexão sobre “estrutura sindical, burocratização, organização de base, liberdade de organização e democratização, encaminhamos esta tese à apreciação da plenária.

Inspirados no texto de Ricardo Antunes, que abaixo reproduzimos, temos como pretensão expor aspectos do início da história do movimento sindical, para que sejam melhor interpretadas nossas convicções em relação ao verdadeiro sentido da palavra sindicalismo. A intenção é submeter tais reflexões aos delegados para que aprovelem um conjunto de princípios para a nossa entidade.

“A sociedade capitalista encontrou, em meados do século XVIII, plenas condições para a sua expansão. O intenso desenvolvimento das máquinas, substituindo a produção artesanal e manufatureira, consolidou o capitalismo, que agora ingressava na fase industrial.

O maquinismo desenvolveu-se prodigiosamente, tornando-se mesmo uma lei imperativa para os fabricantes capitalistas na concorrência que faziam entre si, em busca de maiores lucros. Porém, o emprego da força mecânica e das máquinas nos novos ramos industriais, assim como a utilização de máquinas mais avançadas em ramos já mecanizados, deixou sem trabalho um grande número de operários. Esse excedente de mão-de-obra substituído pela máquina fortaleceu ainda mais o capitalismo que, a partir de então, passou a pagar um salário ainda mais humilhante para os operários.

Nesse momento, a divisão da sociedade atingiu sua plenitude; constituíram-se as duas classes fundamentais e antagônicas que compõem a sociedade capitalista. De um lado, os capitalistas, que são proprietários dos meios de produção, como as máquinas, matérias-primas, e que vivem da exploração da grande massa da população. De outro, os proletários, que se encontram privados de toda a propriedade dos meios de produção e que só dispõem de sua força de trabalho, isto é, da sua capacidade de produzir.

Noutras palavras, o produto criado pelo trabalho do operário passou a ser apropriado pelo capitalista. E subsiste dentro da sociedade capitalista a *Lei do Salário* que, como demonstrou Engels em seus *Escritos Sobre o Sindicalismo*, acarretando cada vez mais a diminuição da remuneração do trabalhador, reforça as cadeias que tornam cada vez mais o operário escravo do produto gerado pelas suas próprias mãos. Essa tendência ao rebaixamento dos salários atinge um nível tal que só é suficiente para a reprodução do trabalhador, forçando-o a uma jornada de trabalho extenuante, cheia de “horas extras”, além de ver sua mulher e filhos, estes na maioria das vezes ainda em idade precoce, trabalhando sob condições desumanas.

Como decorrência dessa situação, os operários, que inicialmente não dispõem de outra coisa senão sua força de trabalho, subordinam-se aos interesses e à força do capital, mantendo com esse uma relação sempre desigual. A grande força que possuem é, em contrapartida, a sua quantidade, que cresce quanto mais se desenvolve o capitalismo. Porém, essa quantidade é anulada quando há desunião entre a classe, o que não acontece com os capitalistas que, facilitados pelo seu reduzido número, encontram-se sempre organizados e coesos na defesa da propriedade privada e dos lucros. Os operários encontrarão em suas organizações próprias condições para dispor de um meio de resistência eficaz contra essa pressão constante pela baixa de salários.

É neste momento que surgem os sindicatos; estes nasceram dos esforços da classe operária na sua luta contra o despotismo e a dominação do capital. Os sindicatos têm como finalidade primeira impedir que os níveis salariais coloquem-se abaixo do mínimo necessário para a manutenção e sobrevivência do trabalhador e sua família. Os operários, unidos em seu sindicato, colocam-se de alguma maneira em pé de igualdade com o patronato no momento da venda de sua força de trabalho, evitando que o capitalista trate *isoladamente* com cada operário. Esta é a função primeira dos sindicatos: impedir que o operário se veja obrigado a aceitar um salário inferior ao mínimo indispensável para o seu sustento e o da sua família.

Os sindicatos são, portanto, associações criadas pelos operários para sua própria segurança, para a defesa contra a usurpação incessante do capitalista, para a manutenção de um salário digno e de uma jornada de trabalho menos extenuante, uma vez que o lucro capitalista aumenta não só em função da baixa de salários e da introdução das máquinas, mas também em função do tempo excessivo de trabalho que o capitalista obriga o operário a exercer.

A atuação dos sindicatos baseia-se nas lutas cotidianas da classe operária. Mas, além disso, os sindicatos constituem-se também força organizadora da classe operária na luta pela supressão do sistema de trabalho assalariado. **Devem ser considerados como centro de organização dos**

operários visando sua emancipação econômica, social e política (*grifo nosso*).

O sindicato, ao tornar-se representante dos interesses de toda a classe operária, conseguiu agrupar em seu seio todos os assalariados que não estavam organizados, evitando que o operário continuasse sua luta isolada e individual frente ao capitalista. A partir do momento em que os operários constituíram suas organizações de classe, ficou mais difícil para o capitalista baixar desmesuradamente o salário ou aumentar excessivamente a jornada de trabalho”

(*O que é Sindicalismo* – Ricardo Antunes)

O movimento sindical, a partir da sua criação, passou por diversas formas de organização. Em momentos de forte repressão, imposta pelos regimes ditatoriais e autoritários, o movimento sindical foi levado ao recuo, tendo em vista o medo causado pela opressão. Também já experimentamos a fase getulista, quando Getúlio Vargas colocou sua mão paternal sobre os trabalhadores, criando os sindicatos atrelados ao Estado.

Entre estas e outras formas de organização dos trabalhadores, vivemos um novo momento de atrelamento ao Estado-pai, desta vez proposto por um homem que já foi uma das mais importantes figuras da vida sindical brasileira, que sempre se disse opositor ao modelo getulista. Esta é a fase lulista. É a fase do comodismo, da aceitação e incorporação ao capitalismo como se essa fosse a única forma de constituição do ser humano em sociedade. Esta fase, não tão nova assim, está impregnada na classe trabalhadora desde quando a CUT deixou de assumir postura autônoma em relação ao governo.

Se a Articulação Sindical, corrente majoritária do PT, que domina a CUT, permitiu que a burguesia se modernizasse e impusesse derrotas imensas aos trabalhadores nos anos 90 (era FHC), no governo Lula é que não iria assumir uma postura de combate. Grandes manifestações, que culminaram em grandes conquistas, também, perderam sua força juntamente com o recuo da CUT.

A CUT e a classe trabalhadora, em sua maioria, recuaram, mas o movimento sindical, mais do que nunca, precisa repensar sua forma de luta e de combate aos ataques capitalistas. **O capitalismo nasceu para o benefício de alguns, tendo por base a exploração de muitos.** A classe trabalhadora necessita, com urgência, se unir para fortalecer a luta contra as restrições impostas pelo Estado manipulador que, fortalecido pela inércia do trabalhador, restringe direitos, antes bravamente conquistados e agora enfraquecidos pela falta de organização, de resistência, pelo isolamento e individualismo de uma sociedade ainda iludida pela falsa idéia de se sentir legitimamente representada e amparada.

Por isso, não surpreende a aprovação e tramitação de projetos de leis no Congresso Nacional sem que se ouça qualquer protesto por parte das principais lideranças sindicais. No entanto, a relação capital/trabalho, ou seja, patrão/empregado, ao longo de toda nossa história não mudou. O patrão, detentor do poder, não ficou bonzinho e nem o trabalhador deixou de ser explorado pela baixa remuneração e horas excessivas de trabalho. Para os patrões, muito dinheiro, para os trabalhadores, miséria e repressão.

Para os trabalhadores públicos, ditos servidores públicos, essa situação não é outra. Nossa maior perda foi a Reforma da Previdência, que teve a clara intenção, além de prolongar o tempo de trabalho para ter direito à aposentadoria, criar fundos

de pensão privados, ou seja, privatizar lenta e inteiramente o sistema de previdência brasileiro, tirando-o do Estado e transferindo-o para a iniciativa privada.

O SPPrev também não deixa de ser um caminho para privatização da previdência. O PL 1.992/2007, que o instituiu, criou a previdência complementar para os servidores públicos e pôs fim, para os futuros servidores, à paridade e à integralidade da aposentadoria.

Outro exemplo de ataque: Por maioria de votos, o Supremo Tribunal Federal determinou, no dia 25/10/07, que a lei de greve do setor privado (7.783/89) deverá ser aplicada contra os servidores públicos até que o Congresso Nacional regulamentasse o direito previsto na Constituição Federal.

Temos, ainda, a ameaça aos Hospitais Universitários: O governo pretende criar um novo modelo de gestão para os Hospitais Universitários das instituições federais de ensino. O governo elaborou um projeto, fruto de relatório interministerial, que transforma os HU's em Fundações Estatais. Na prática, transformar os hospitais em fundações é permitir a entrada de empresas privadas, mudando o caráter dos mesmos que é, acima de tudo, o de ensino e pesquisa.

Ainda como resultado do recuo da classe trabalhadora, temos vários outros projetos que atendem aos interesses patronais:

- O PLC 248/1998 regulamenta o item da Emenda Constitucional nº 19, que prevê o fim da estabilidade do servidor público. Estabelece como será a demissão de servidores por desempenho "insuficiente".

- O Projeto de Lei Complementar 01/2007, do PAC, que restringe as despesas com pessoal por parte da União.

- O PLP 92/2007 autoriza a criação de "fundações estatais, de direito privado".

- O PLC 48/2008, que tramita na Assembléia Legislativa de SP, que cria cargos, empregos e funções autárquicas na Unesp, todos pela CLT.

Estas e outras medidas, ao contrário de como eram aprovadas em épocas de resistência, na calada da noite, são aprovadas à luz do dia, porque o protesto é de poucos; e, por serem poucos, é fraco; por ser fraco, é sem eco, sem força e não incomoda o Planalto.

Propostas

É por estas razões que apresentamos, no VIII Congresso dos Trabalhadores da Unesp – SINTUNESP, a proposta de que o nosso sindicato, além de vigoroso defensor das reivindicações específicas e gerais de nossa categoria, tenha o seguinte perfil:

- ✓ um sindicato classista, voltado à luta pela construção de uma sociedade socialista democrática, aglutinador da classe trabalhadora, defensor dos movimentos sociais, sem discriminação e preconceitos.

- ✓ um sindicato que possa incorporar-se a luta de todos os trabalhadores, que seja independente e que possa "enxergar", além dos muros da universidade, a causa de uma sociedade como um todo e que se incorpore, mesmo que como um grão de areia, na luta pelo direito ao pão, trabalho, liberdade e melhores condições de vida para o trabalhador.

- ✓ que promova a unidade e integração; que absorva e se incorpore à luta dos trabalhadores contra a imposição perversa do imperialismo. Que recrimine um sindicato puramente assistencialista e corporativista e que não seja um sindicato exclusivamente economicista (voltado somente aos interesses imediatos da base).

A conjuntura social, política e econômica geral determina, implacavelmente, os rumos de nossas vidas. Vale deixar registrado o fato de que, na última reunião com o

reitor sobre Pauta Específica, realizada no dia 17/09/08, sua primeira fala foi sobre *a cautela que devemos ter, no momento, por causa da ameaça da crise do capital financeiro internacional*, devido à queda da economia norte-americana.

Para concluir, dedicamos aos companheiros presentes ao VIII Congresso do Sintunesp uma poesia que, talvez, seja a mais instrutiva no movimento sindical:

**“Na Alemanha nazista, eles primeiro vieram buscar os comunistas;
e eu não falei nada, porque eu não era comunista.**

**Então, eles vieram buscar os judeus; e eu não falei nada, porque eu
não era judeu.**

**Então, eles vieram buscar os sindicalistas; e eu não falei nada,
porque eu não era sindicalista.**

**Então, eles vieram buscar os católicos; e eu não falei nada, porque
eu era protestante.**

**Então, eles vieram me buscar – e, a esta altura, já não havia mais
ninguém para falar nada.”**

(Pastor Martin Niemoller).

Olga da Conceição F. dos Santos

Reinaldo Cervatti Dutra

Luiz Carlos de Freitas Melo